**ADOLESCENTES EM CONFLITO: O TRAUMÁTICO NA ADOLESCÊNCIA PRIVADA DE LIBERDADE**

Aline da Costa Silva de Carvalho

Mestranda em Educação, Cultura e Comunicação -PPGECC - UERJ

Resumo

Este trabalho contextualiza de maneira breve a experiência de uma pesquisa em andamento, fundamentada na metodologia da observação participante com adolescentes que cumprem medida socioeducativa de privação de liberdade em uma unidade do DEGASE/RJ. A finalidade é de pensar estratégias que possam contribuir de maneira significativa para a melhoria das condições e o desenvolvimento de ações diferenciadas a atenuar o adoecimento psíquico desses jovens. Os achados parciais da pesquisa apontam para temáticas que circunscrevem a marginalização, a exclusão social, a invisibilidade e a alienação à criminalidade.

Palavras Chaves: Adolescentes em conflito com a lei, Adoecimento psíquico, Instituições socioeducativas, Privação de liberdade

**Introdução**

Nos dias atuais experienciamos momentos tênues no que se refere aos contextos de vulnerabilidade social em nosso país. A exclusão, a criminalização da pobreza e a violência coadunam por toda a parte. Adolescentes oriundos de periferias, principalmente, vivem nessa linha limítrofe todos os dias. Nesse contexto, as transgressões podem ser propiciadas, e na violação da ordem surgem as instituições que objetivam o cumprimento das leis e o restabelecimento das normas.

As questões relacionadas à saúde mental vêm ganhando muita notoriedade nos últimos tempos, demonstrando a importância desse cuidado. Principalmente na adolescência, que é um momento marcado por grandes transformações, quando o sujeito torna mais evidentes fragilidades distintas. Necessitando, portanto, de maior atenção quanto a possíveis condutas de risco para então melhor compreensão e tomada de decisão. Pensando um maior acolhimento, a escuta analítica pode ser uma ferramenta de grande valia.

Birman (2001), afirma que o mal-estar na contemporaneidade assume novas modalidades, e se apresenta sobretudo nos registros do corpo e da ação. E enfoca ainda que o mal-estar contemporâneo é caracterizado como dor principalmente, e não como sofrimento. O autor afirma que a dor é uma experiência em que a subjetividade se fecha sobre si própria, não deixando lugar para qualquer outro mal-estar, restringindo o indivíduo a si mesmo. Já o sofrimento implica em uma experiência onde o outro está sempre presente, onde a subjetividade não é autossuficiente.

Este estudo à luz da Psicanálise, da Educação e da Sociologia, objetiva investigar a especificidade do sofrimento psíquico do sujeito adolescente, condutas de risco, desprazeres, condições sociais e experiências na institucionalização bem como suas implicações na contemporaneidade.

**Adolescência e Exclusão**

Adolescer é um processo que exige do sujeito fazer a transição da infância para a vida adulta. Aqui, entendemos essa transição como uma “situação fronteiriça”, o que significa refletir a adolescência momento de contorno, ou seja, como um espaço precariamente dividido entre uma dimensão interna e outra dimensão externa. Cada um desses espaços é demarcado por limites pouco precisos, o que os torna fronteiras ambivalentes, circunscritas à complexa relação entre o corpo e o psiquismo e as relações entre o eu e o outro. Dessa forma, a violência psíquica que acomete o adolescer se apresenta como uma agressão tanto narcísica quanto alteritária, na medida em que o sujeito adolescente se vê diante de representações infantis insuficientes para satisfazer e simbolizar as irrupções pulsionais eróticas da puberdade.

“O adolescente, quando ultrapassado pela intensidade das suas próprias sensações, corre o risco de perder a capacidade de se distinguir do outro, de diferenciar o dentro e o fora. Isso se estende ao registro interno, nível das relações entre as diferentes instâncias psíquicas e das fronteiras egóicas”. (Cardoso, 2001).

A situação fronteiriça na qual se encontra o sujeito adolescente consiste em uma experiência ambivalente de proteger a constituição narcísica iniciada na infância, e ao mesmo tempo, ser invadido pelas demandas alteritárias de constituição de laços sociais que possibilitem novas configurações objetais desejantes. Logo, a fronteira é um lugar de proteção e aventura; de dependência e autonomia; de desamparo e criação; dos frágeis limites entre o dentro (psiquismo e o EU) e o fora (corpo e a alteridade).

O que está em jogo para o sujeito adolescente é como ultrapassar a fronteira e chegar à vida adulta. Não há respostas prontas a serem seguidas, pois a subjetividade é um processo de construção singular que envolve o psíquico e o social.

O adolescer é um momento repleto de transformações, e nesse período são principalmente as identificações que formam a personalidade do sujeito. Os adolescentes periféricos sentem-se muitas vezes sujeitos invisíveis e não conseguem responder a eles mesmos sobre quem são. A falta de pertencimento vivida nesse momento, a abstenção de laços sociais cria uma divisão do ego, traumatizando o sujeito. E na busca de saídas, o endereçamento desta pulsão pode se dar para comportamentos disruptivos e transgressivos que se colocam como condutas de risco.

Quando o sujeito não se sente reconhecido no social, face ao não pertencimento ele pode transgredir, desrespeitando a lei e a ordem. A exclusão social é marcada pela marginalização e gera uma ferida narcísica que não cicatriza. Assim sendo, nos interessa refletir sobre as possibilidades de defesa do ego, ou seja, quais são as respostas subjetivas que os adolescentes conseguem elaborar diante das experiências traumáticas que marcam o adolescer.

**O contexto da adolescência privada de liberdade**

Os desafios do cotidiano experienciados nas instituições socioeducativas são repletos de estigmas, e com os afetos promovidos o auxílio inerente na melhora de conduta dos jovens pode ser bastante comprometido.

Na observação participante é possível compreender que muitas vezes esses jovens se moldam ao que acreditam que o outro espera deles, e sua conduta muitas vezes varia de acordo com o momento e os participantes na ação. Portanto, um mesmo jovem pode se comportar de maneira distinta na presença de agentes, técnicos e também de colegas.

Os adolescentes respondem ao traumático através de uma multiplicidade de formas de agir e também de recusa ao agir. Muitos caminhos defensivos convocam o corpo como objeto de sacrifício e anteparo à angústia. A recusa à alteridade sinalizada por atitudes de inação também aponta para um recurso de defesa, além das situações de violência atuada nos casos de atos patológicos. O que todos esses mecanismos têm em comum é o risco que o adolescente se encontra exposto. São condutas de risco caracterizadas por uma série de respostas subjetivas que simbolizam algum tipo de perigo.

Se colocar em risco é uma forma de atuar, um agir que nos possibilita pensar a atuação como uma tentativa de escapar da impotência, da dificuldade de se pensar a si próprio, ainda que, na maioria das vezes, as consequências sejam perigosas. Nessas formas de atuar mediadas pelo risco, o corpo substitui a linguagem e comunica o indizível que caracteriza o sofrimento de angústia. Nas meninas, as condutas de risco denunciam dores silenciadas relacionadas à insatisfação corporal, relações sexuais desenfreadas e submetidas ao abuso, escarificações, tristezas e isolamentos profundos. Entre os meninos, o risco se apresenta pelo viés da agressividade, do confronto com os pais, com as leis e normas sociais. Envolvimentos em episódios de delinquência, violência, velocidade em estradas, toxicomanias, alcoolismo, entre outras atuações fundamentadas em um viver na fronteira do perigo.

As condutas de risco são defesas egóicas do psiquismo traumatizado. São respostas subjetivas afirmadas por adolescentes de todas as classes sociais, independente do gênero, da sexualidade ou de pertencimentos religiosos. Essas experiências, ainda que deliberadamente perigosas, satisfazem, sempre parcialmente, as pulsões avassaladoras que emergem na puberdade e que exigem do psiquismo um entendimento para o qual não há ainda simbologias. Se arriscar é uma forma de representar a fronteira traumática do adolescer, pois o risco “corresponde à necessidade interior de se transformar e de renascer sob uma nova versão de si, melhorada, depois de ter olhado, real e simbolicamente, a morte de frente” (Le Breton, 2011, p,37)

O adolescente enxerga no risco o real da morte e dessa experiência retira elementos representativos para enfrentar simbolicamente a morte da infância. Trata-se de abandonar o ser infantil e de iniciar a constituição do ser adolescente. Nesse caso, o trabalho de luto é investido pelo ato de se colocar em risco, onde simular a morte através do risco se configura em uma representação simbólica para se proteger da morte real da infância (Fédida, 1988). Os riscos deliberados e intencionais constituíram a fabricação de uma dor que age minimizando momentaneamente os sofrimentos de impotência e passividade que invadem o adolescente. Fabricar essa dor significa ter algum controle, ter alguma impressão fugidia de pertencer e estar no mundo.

O indivíduo presente nas instituições socioeducativas encontra-se repleto de subjetividades e necessita de uma escuta significativa, visto que aqueles que ali estão não se encontram naquele ambiente por vontade própria, mas sim por imposição de outrem. Podemos pensar as instituições socioeducativas não apenas como um dos espaços de institucionalização de adolescentes, mas como um lugar de escuta e de reconhecimento das múltiplas subjetividades onde a transferência também acontece a todo tempo.

**Considerações finais**

A pesquisa em referência se encontra em processo de execução, com resultados parciais que se encontram em processo de investigação e análise.

O objetivo deste estudo com base nos autores citados foi o de realizar a reflexão no contexto da socioeducação frente ao sujeito adolescente e o adolescer em período de transição social tão significativo. Assim como pensar a importância de fazer deste espaço um ambiente de reconhecimento e escuta.

Em síntese como proposta este estudo tem, a luz da psicologia evidenciar a importância da escuta nas instituições socioeducativas e enfatizar que os jovens institucionalizados necessitam ter voz sobre suas subjetividades. Ainda que assim não seja possível justificar seus atos e as razões pelas quais se encontram nestas instituições, esses precisam ser ouvidos como uma possibilidade para atenuar o sofrimento psíquico ao qual estejam passando.

**Referências**

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade:* a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CARDOSO, M. R. (Org.) (2001) "**Adolescência e violência**: uma questão de fronteiras?", in *Adolescência: reflexões psicanalíticas*, Rio de Janeiro: Nau /Faperj, p.41-53.

FÉDIDA, P. **Amor e morte na transferência**. *Clínica psicanalítica*: estudos. São Paulo: Escuta, 1988.

FERNANDES, Maria H. *Corpo:* Clínica psicanalítica. 4 ed.Ed. Casa do Psicólogo. São Paulo, 2011.

FREUD, S. *(1930-1936). O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos;* tradução Paulo César de Souza *-* São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007

KEMPER, M. L. C. **Invisibilidade, identidade e laço social na contemporaneidade**: sobre a exclusão nas esferas psíquica e social. Cad. Psicanál. - CPRJ, Rio de Janeiro, v 35, n. 29, p. 105-125, jul./dez. 2013.

LOPES, Lorena da Silva & TEIXEIRA, L. Cavalcante. *Automutilações na adolescência e suas narrativas no contexto escolar.* Estilos clin. Vol. 24 n.2. São Paulo, Mai/Ago. 2019. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282019000200010>> Acesso em 23 set. 2022.